

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OTILIA TOMAZ. POR MARCOS SCHUH & LEANDRO GASPERINI, NO DIA SEIS (6) DE OUTUBRO DE DOIS MIL E QUATRO (2004), QURTA-FEIRA. NA COMUNIDADE DE CASCALHOS MUNICÍPIO DE PALMITOS.

**Entrevistador: Marcos Schuh "MS"
Leandro Gasperini "LG"
Entrevistada: Otilia Tomaz "OT"
Filho de dona Otilia Tomaz "FOT"
Transcrita por André Luiz Bassani**

FITA "01" LADO "A"

MS – Dona Otilia qual o seu nome completo?

OT – Tomaz, Otilia Tomaz.

MS – Qual a sua data de nascimento?

OT – Dia primeiro de janeiro.

MS – E a senhora nasceu aqui em Cascalho?

OT – Não, eu nasci em Seberi.

MS – Seberi no Rio Grande do Sul!

OT – É, depois eu morei um pouco em Laranjeira, morei em Iraí, depois vim morei no outro lado, dali eu passei pra cá, já faz trinta e poucos anos que eu moro aqui.

MS – E, de que ano que a senhora veio de Sarandi, a senhora lembra, que a senhora veio pra cá de Sarandi, que ano foi?

OT – Ah, eu não me lembro que ano foi...

MS – De Seberi?

OT – Seberi, eu era pequena ainda, olha eu caminhei, eu fui morar no sertão da Costa Guarita, lá eu tive uns anos, lá eu me criei lá, mas lá era mato, era sertão não tinha casa, as casas não eram perto uma da outra, era quatro kilometro pra gente ir.

MS – E a senhora se mudou com os seus pais ainda?

OT – Vim morara com a minha vó, deixei meu pai lá, e vim morar com a minha vó em Laranjeira, daí...

MS – Laranjeira, fica no Rio Grande do Sul ainda?

OT – Sim, Laranjeira é perto aqui, logo que passa o rio, tem Laranjeira, mais depois ela faleceu, e eu fiquei com os tio aí.

MS – E aqui pra Palmitos, do lado de cá do Uruguai, faz tempo que a senhora mora?

OT – Trinta anos, vai fazer trinta e cinco anos, depois que eu me mudei pra cá, daí não saí mais, daqui fiquei.

MS – E a senhora veio sozinha aqui pra Palmitos?

OT – Não vim com o meu marido, ele faz dezoito anos que ele faleceu, nós morávamos aqui

MS – Qual era o nome do seu marido?

OT – Dorival Rodrigues dos Santos.

MS – E por que vieram morar aqui pra Santa Catarina?

OT – Por que nós moramos lá, e lá era reserva, e daí ele achou melhor trocar com esse vizinho que morava aqui, ele queria ir pra lá, essa aqui era a chácara, e só tinha documento, e lá nos morávamos na reserva, daí ele achou melhor vim pra cá.

MS – E compraram aqui daí?

OT – Daí, nós trocamos.

MS – Em que ano foi isso mais ou menos que trocaram aqui?

OT – Olha, faz trinta e cinco anos que nós moramos aqui, isso eu não me lembro não sei que ano foi que nós viemos pra cá.

MS – E vocês trabalhavam com o que?

OT – Na roça só, aquele tempo deus me livre, eu me lembro que eu passei tanto trabalho aqui, por que aqui não tinha bodega perto. Lá era mais fácil porque nós íamos pra Laranjeira, nós tinha o nosso ... onde nós fazíamos compra, e aqui nós tínhamos que sair daqui a pé, naquele tempo a pé e ir lá em Iraí fazer compras nós, levava as coisas daqui, levava, galinha, levava ovos pra vender, pra depois de lá nós íamos comprar as coisas, era muito sacrifício, eu não queria vim pra cá, por que era difícil a vida.

MS – Tinha estrada pra vim pra cá?

OT – Não, não tinha, nós passava o rio, naquele tempo não tinha, aqui não tinha ônibus... depois de um tempo em diante que nós começamos ir a Palmitos, daí tinha uma Kombi que levava nós, mas pra fazer compra era um sacrifício de vida, parece que até a gente ficou mais velha depois de vim pra cá, de tanto sofrimento e dificuldade.

MS – E como é que era quando chegaram aqui, tinha muito mato, ou já tinham derrubado tudo?

OT – Tinha mato, tinha chácara aqui, tinha bastante, depois eles foram derrubando, como nesta aqui que nós viemos, tinha uma bola de mato, e depois eles derrubaram, agora esta tudo derrubado.

LG – Que tipo de árvores que tinha aqui, quando vocês vieram morar?

OT – Tinha no mato, tinha madeiras grossa ali, tinha depois que eles foram derrubando, agora a gente plantou, uva japonês, tem eucalipto...

MS – Mas na época, o que que fizeram com essa madeira que derrubaram, com esse mato que derrubaram, o que fizeram com a lenha, com a madeira?

OT – Lenha, lenha, queimamos, pois não tinha pra quem vender, queimamos e fomos fazendo lenha pro fogão e queimando... (barrulho)

LG – Tinha alguma árvore nativa da região que dava fruta?

OT – Não, aquela bola de mato, era assim no meio, em cima tinha uma outra roça e aqui não era tanto mato, tinha árvores grossa mas...

MS – Como é que faziam com os produtos, levavam tudo pra Iraí mesmo?

OT – Não daí, tinha um vizinho que tinha uma Kombi, ele levava, ia lá e vendia daí eles vinham buscar aqui.

MS – E quais os produtos assim que mais se vendia, e que mais se produzia na época nos primeiros tempo?

OT – Feijão, milho, batatinha, era o que a gente plantava e o que dava pra vender.

MS – E nos primeiros tempos, eles já vinham buscar esses produtos , conseguia vender fácil ou não?

OT – Olha, tinha muitos vizinhos que até passavam o rio pra vender do outro lado, os que eram mais forte novo, e outros vendiam aqui.

MS – Que nem feijão essas coisas que é difícil de levar?

OT – É, essas coisas eles vinham buscar, mas deu pra viver até agora, eu tenho os meus filhos todos casados, e agora estou só eu...

MS – Quantos filhos que a senhora tem?

OT – Eu tinha dez vivo, e daí eu fiquei viuva, daí eu consegui essa varandinha grudada nessa casa do filho, isto aqui eu fiz... agora ele fez essa casa ali, ele se mudou daí eu passei pra casa ali.

MS – Consegui a casa inteira dai!

MS – E como é que faziam nos primeiros tempos quando alguém ficava doente dona Otília?

OT – Ah, buscava, eu quando eu estava doente, tinha um homem que já é morto, o finado Adolfo, ele tinha uma Kombi e buscava a gente, eu a primeira vez que eu estava doente, eu tive dez dias no hospital, depois ali uns tempo fiquei doente de novo e fiquei doze dias aqui em Palmitos dali fui pra Chapecó, tive quase dois meses no hospital...

MS – E nos primeiros tempos assim que a senhora veio com seu marido, a senhora ia junto na roça com ele trabalhar?

OT – Sim, nós ia juntos.

MS – E tinha algum serviço assim, que na época que a mulheres não faziam na roça, que eram serviço de homem, ou faziam todos os serviços?

OT – Eu carpi, carpi, ele roçava, lavrava... eu carpia, por que eu gostava muito de carpir, carpir era serviço das mulher, agora roçar agora nunca fiz.

MS – Derrubar mato essas coisas era...

OT – Naquele tempo, eu tinha os filhos que ajudavam.

LG – E quando aos seus filhos, eles todos nasceram através de parteira ou no hospital?

OT – Nenhum do hospital, todos em casa, nunca fui no hospital.

MS – E a senhora tinha eles sozinha ou chamava alguém pra ajudar?

OT – Não a gente sempre chamava uma mulher ou uma velha, naquele tempo muitas mulheres que eram entendida né, a gente chamava.

MS – Tem alguma que a senhora lembra que fazia parto?

OT – Sim, lh, já é morta todas, não tem nenhuma viva... Eu não me alembro... eu tive todos quando eu morava lá do outro lado.

MS – Já veio com a família toda pra cá?

OT – É, a mais pequena que eu tinha, ela tinha cinco anos quando que vim pra cá, e esse rapaz que eu estou morando, ele tinha seis ou sete anos, quando viemos pra cá, e os outros era todos moço... depois foram casando.

MS – E a senhora trabalhava na roça e fazia o serviço de casa também?

OT – Sim fazia o serviço de casa também, quando eram pequeno, os filhos iam na roça e eu ficava em casa, depois quando casaram, dai eu tinha que fazer o serviço e quando tinha tempo eu ia pra roça também...

MS – E quando as crianças eram pequena como é que fazia pra ir na roça, levavam eles juntos ?

OT – (risos), Os primeiros que eu tinha, eu levava e botava numa sombra la na roça pra trabalhar, levava pra roça também, isso eu já morava lá em cima em Passarinhos... Onde tem a ponte , bem pertinho era a minha chácarra, nós morava lá.

LG – E a senhora se lembra quais eram os brinquedos que você brincava na infância, quais eram os brinquedos que a senhora brincava?

OT – Ah, eu quando era criança, nunca ganhei brinquedo, aquele tempo não existia,

brinquedo que tinha, nós fazia boneca de pano pra brincar, mas assim brinquedo não é como hoje que as crianças, ganham brinquedos, aquele tempo não existia brinquedo.

MS – E como é que as crianças faziam, quais as brincadeiras, o que elas faziam pra se divertir?

OT – As meninas, elas se reun iam, iam fazer bonecas de pano, iam costurar... Hoje em dia nem fazem mais. (risos)

MS – E os meninos faziam que tipo de brincadeira?

OT – Os guri, saíam brincar , caçar passarinho pelas capoeiras, quando não iam pra roça.

MS – Começava trabalhar cedo na roça?

OT – Cedo...

MS – Com que ano mais ou menos começavam o trabalho na roça?

OT – Com oito dez anos, eles já estavam trabalhando com o pai, o meu não deixava, era cedo ir pra roça, quando ele subia pra roça. Iam todos atrás...

MS – E a senhora chegou a estudar dona Otília?

OT – Nunca, nunca fui na escola, no tempo que eu era criança, nunca tinha escola, não tinha escola perto.

MS – E seus filhos eles estudaram?

OT – Sim, os meus filhos sim.

MS – Eles estudavam aonde daí?

OT – Ah, tinha aula lai pertinho, lá em Laranjeira eles estudaram, depois aqui eles tinham aula pertinho.

MS – Quando vieram morrer aqui, já tinha escola perto?

OT – Já tinha daí eles estudaram aqui.

MS – E quando vocês vieram morar aqui, tinha estradas, energia elétrica ou coisa assim, como é que faziam pra conservar as comidas?

OT – Ah, não tinha energia aquele tempo, a gente usava velinha, comida tinha que fazer comida que não sobrasse , por que não tinha onde botar.

MS – E pra iluminar, usavam vela mesmo ou lampião?

OT – Uma velinha, aquele tempo era sofrido... (risos)

LG – E no teu tempo de moça o que vocês faziam pra se divertir, tinha baile?

OT – Tinha, as vezes agente ia, as vezes os pais não deixavam a gente ir. (risos)

LG – E que tipo de música tocava?

OT – Gaita.

MS – Sempre alguém da comunidade que tocava, ou vinha de fora?

OT – Não, tinha morador que tocavam, que faziam baile... era alegria quando faziam baile.

MS – Era seguido os bailes ou era só de vez em quando?

OT – Era lá de vez em quando, não era seguido.

MS – E as moças, elas podiam ir sozinha nos bailes?

OT – Não, aquele tempo ninguém ia.... iam no baile se a mãe ou o pai ia, mais sozinha não, sempre tinha de ir ou o pai ou a mãe.

MS – E a senhora conheceu seu marido nun baile?

OT – Não, não foi no baile.

MS – Como é que conheceu seu marido?

OT – Ele morava perto.

MS – E a senhora casou cedo?

OT – Não eu tinha dezesseis anos...

MS – Namoraram muito tempo antes de casar?

OT – Não, não foi tempo.

MS – Quanto tempo mais ou menos que namoraram antes de casar?

OT – Eu acho que um ano e pouco.

LG – E logo depois que casaram, vocês continuaram a ir nos bailes e nas festas?

OT – Não, daí tinha que ficar em casa, tinha o serviço, ele trabalhava, não podia sair, o tio dele era barqueiro, então quando era os domingo e sábado, ele tinha de ir trabalhar pro tio dele nas barca.

MS – Na Barca que atravessa o Uruguai?

OT – É, lá em cima onde tem a ponte.

MS – Ele trabalhou muitos anos ali na barca?

OT – Trabalhou tempo.

MS – Em que anos mais ou menos que ele trabalhava na barca?

OT – Ah, isso eu não me lembro, não sei...

MS – Mas faz mais de quarenta anos?

OT – Não.

MS – Mas foi antes de morar pra cá ?

OT – Ha, deve ser uns quarenta anos.

MS – E tinha muito movimento naquela época pra atravessar a barca, tinha muito caminhão?

OT – Sim, naquele tempo tinha, porque os caminhão aquele tempo eles vinham de.... Sabe a estrada vinha de todo lado, tanto ia quanto voltava a barca.

MS – E não tinha ponte nada?

OT – Não naquele tempo não tinha ponte, era só com barca... Uma vez tinha barca aqui no Cascalho, nos tempos atrás, uns cinquenta e poucos anos, tinha uma barca aqui bem pertinho, tinha a barca aqui passava aqui, e depois que saiu a barca lá em Passarinho, daí tiraram a barca daqui e botaram pra lá.

MS – E em qual lugar que ele trabalhava?

OT – Lá em Passarinhos, que aqui tem só os porto agora do tempo que tinha barca, aqui era pra ser aqui em Cascalho, era pra ser uma cidade, tinha muitos que tinham lotes comprado, ali tinha igreja, ali tinha hotel, depois quando saiu aquela barca lá, foram todos embora, deixaram até os lote... abandonaram tudo... Tinha cartório aqui...

MS – E quando a senhora veio morar aqui, tinha tudo isso?

OT – Não, daí já não tinha mais, já tinham todos ido embora.

MS – E quando a senhora morou lá em Passarinhos, como era lá, já era grande?

OT – Não, lá também não era grande ainda e não tinha ponte aquele tempo que eu morava lá, a ponte eles fizeram depois que eu vim pra cá.

LG – E referente a ponte você se lembra quando deu aquela enchente que levou a primeira ponte?

OT – Sim, aqui, deu aquela enchente, eu morava do outro lado e levou a minha casa inteirinha embora, que eu morava la do outro lado, arrancou a casa e levou.

MS – Conseguiram tirar alguma coisa ou a água levou tudo embora?

OT – Levou só a casa porque o que nós tinha dentro de casa, nós conseguimos tirar.

LG – Em que ano que foi que deu essa enchente?

OT – Parece que foi no ano de 30, depois que nós estamos aqui, deu outra enchente , só que não levou a casa... A casa não levou, mas a água tomou conta da casa...

MS – E durou muito tempo aquela enchente aquela que levou a sua casa?

OT – Não, ela baixou logo, mais era triste de ver, a gente via passar no rio as casas, com pessoas dentro pedindo socorro, mas a gente não podia socorrer... Era muito triste aquelas enchente...

MS – E a senhora lembra, a senhora chegou a ver balsas descendo o Uruguai na época?

OT – Sim, vi, eu morava la do outro lado, morava na costa do rio bem pertinho, eu via as barca descer, eu via balsa de tábuas, de viga, aquelas de tábuas, tinha porco que levavam

pra comer, galinha, carne em cima das casinhas, e também cansei de ver quebrar balsa... Quando quebrava uma balça que entrava no mato, era um gritado, meu deus do céu, quanta barca que quebrava, arrebentava por que era tudo amarrada com cipó...

LG – E o rio quando ele dava ponto de balsa, ele era muito violento?

OT – Era, mas aquele tempo, balsa não era tanto, aquelas pessoas que desciam balsa aqueles já morreram tudo, meu velho cansou de descer em balsa.

MS – O seu pai ou o seu marido?

OT – Não, o meu marido...

LG – Ele era balseiro?

OT – Não, ele era "pião", de balseiro mesmo os donos, era o Capitão Alvo, que descia de balsa, vô da minha nora... Tinha muita gente que descia só que todos já morreram... Aqueles que desciam como funcionário, iam até São Borja, iam de balsa, depois vinham por terra, mais agora terminou aquilo, não tem mais madeira e não tem quem leve.

LG – E vocês se alimentavam muito de peixes, pescados do rio?

OT – Ah, aquele tempo tinha peixe que as vezes a gente matava um pouco e iam lavar as tripas, e eles vinham comer as tripas.... aqueles peixe grande, agora nem pegar quase não se pega, comeram todos os peixes (risos). Aquele tempo quando o rio estava baixo, tu olhava aquele cardume de peixe que ia subindo, e agora eu acho que a gente nem vê mais, eu moro aqui mas quase não vou na costa do rio.

MS – E pescavam na costa do rio?

OT – Sim de anzol, faziam mangueira no meio do rio, fechavam pra pegar os peixes

MS – E como é que faziam essas mangueiras?

OT – De pedra, faziam um chiqueiro de pedra e fazia (inaudível)... pescavam muito aquele tempo, cascudo ninguém comia aquele tempo, cascudo pegavam e botavam fora, e agora pega um cascudo pequeno, aproveitam tudo...

MS – E a senhora lembra dos tipos de peixes que eles mais pescavam?

OT – Era piava, tinha gramatão,

MS – Dourado tinha bastante?

OT – Tinha, tinha esse outro, eu estou muito esquecida da minha idéia.

MS – E caçar, caçavam muito na época?

OT – Aqui não, agora quando eu morava no sertão caçavam.

MS – Que tipos de bicho que caçavam?

OT – Tinha paca, capivara do rio, viado, quati... Tudo o quanto era bicho do mato, matavam e comiam, aqueles tempo carne não existia, então tinham que comer os

bichinhos que caçavam.

LG – E quando a senhora veio morar aqui, nessa região tinha muitos moradores?

OT – Não, era bem poucos moradores... Quando eu vim morar aqui, tinha poucos agora tem bastante moradores. Agora cada chácara tem moradores.

MS – E na época era fácil comprar terra aqui em Santa Catarina?

OT – Aquele tempo, ainda dava pra comprar, mas agora não tem mais, muito caro as terras.

MS – Na época, era mais barato quando vocês vieram aqui?

OT – Sim, mais agora é tudo medido, é tudo chácara, mas tudo caro... O doutor comprou tudo.

MS – E assim, quando a senhora era nova tinha muitas benzedadeiras?

FITA "1" LADO "B"

OT – Aqui não tinha, mas lá do outro lado nós as vezes ia.

MS – E quando se ia em benzedeira, pra que tipo de...

OT – Ah, era só quando as crianças estavam doente, que diziam que era bicha, que diziam que era quebrante, aí nós ia, mas senão não ia.

MS – E quando alguém se machucava, de quebrar osso?

OT – Ah, daí ia para o médico, eu morava ali do outro lado e pra ir no médico tinha que ir pra Frederico, era quase duas horas de viagem.

MS – Mas não tinha ninguém que arrumasse osso, se destroncava ou coisa assim?

OT – Não, aquele tempo não tinha, a gente tinha que ir ao médico

MS – E só em Frederico tinha médico, aqui em Iraí não?

OT – Só em Frederico. Tinha em Palmitos, mas nós morava do lado de lá e não podia vir pra cá, aqui em Iraí tinha, mas nós morava ali e íamos pra Frederico... Eu lembro uma vez que eu tinha um menino doente deu, atacou a garganta, e daí ele ficou doente de tarde, nós levamos ele de noitezinha. Chegamos lá não achamos o médico, ele não estava... Até que procuramos médico ele faleceu na porta do hospital...

LG – Como é que era o convívio aqui com os alemães, tinha muitos alemães que moravam aqui?

OT – Aqui não tinha... Aqui tinha uns morando lá em cima, e depois veio um vizinho morar aqui de alemão.

MS – E italianos também não?

OT – Italianos, não tinham

LG – Aqui é mais brasileiro, caboclo?

OT – É, aqui é os caboclos que moram aqui, tem alguns, lá em cima tem uns alemães. Lá em Taquarussu tem, lá tem italiano, tem os alemão, caboclo, tudo misturado...

LG – E era bom viver com essas pessoas, esses vizinhos caboclos, como é que era o relacionamento?

OT – Era bom, era bons vizinhos, tratavam bem a gente, e a gente tratava bem eles também.

MS – Se visitavam bastante na época?

OT – Não, lá de vez em quando um ia na casa do outro mas...

MS – E o que faziam nos finais de semana, sábado e domingo?

OT – Cada uma fazia seus trabalhos de casa, lidava com as criação...

MS – Ficava trabalhando no final de semana?

OT – Trabalhando...

MS – Não tinha final de semana, feriado?

OT – Não, aquele tempo não tinha feriado, a gente ficava em casa, trabalhava direto...

LG – A comunidade aqui já tinha igreja?

OT – Tinha.

LG – Quais eram as festas aqui da comunidade, tinha festas lá da igreja?

OT – Tinha, lá de vez em quando tinha festas. Agora aqui em cima, eles faziam a missa, sempre era na escolinha, agora tem igreja, tem o pavilhão.

MS – E tinha padre já na época que a senhora veio morar aqui?

OT – Tinha, vinham de Palmitos.

MS – E vinha seguido?

OT – Vinha uma vez por mês, sempre assim.

MS – Faziam a missa na escola?

OT – Na escola.

MS – E tinha bastante gente que ia na missa naquela época?

OT – Ia bastante gente.

MS – E a missa era igual que é agora?

OT – Sim, era igual, os padre é os mesmos.... Agora aqueles padre velho já não estão mais aí

MS – E se costumava rezar terço em casa?

OT – Rezava.

MS – Então iam os vizinhos ou a família só?

OT – Não, rezava, vinha os vizinhos e se reuniam, porque eles se reuniam e iam fazer o terço. Tinha uns que sabiam mais que os outros.

MS – E tinha alguma festa que os caboclos faziam, os brasileiros faziam, fora essas festas de igreja?

OT – Não, aquele tempo não tinha quase que fazer festa, porque não tinha vizinho que desse para fazer festa.

MS – E como é que faziam batizado e essas coisas?

OT – Ah, quando o padre vinha.

MS – E tinha que esperar o padre vim?

OT – Sim.

MS – E casamento também?

OT – Também, tinha que esperar, tinha que dar os nomes.

LG – E quando a senhora se casou, teve festa?

OT – Não.

MS – Foi casamento na igreja, ou não?

OT – Eu nem casei, eu fugi de casa e fiquei morando, e daí não casei.

MS – A senhora tinha dezesseis anos quando casou?

OT – Sim dezesseis anos.

LG – E o namoro naquela época, como é que era?

OT – Só em casa, naquele tempo não tinha namoro como tem hoje, namoro na estrada, na rua, não tinha, era só em casa.

MS – E ele ia na sua casa, ou a senhora ia na casa dele?

OT – Ele ia lá em casa, e naquele tempo, os namorados não sentavam junto, era longe um do outro. Agora que está muito diferente.

MS – Namoravam com os pais juntos, ou os pais deixavam sozinho?

OT – Não, sempre junto.

MS – Tem alguma história que a senhora lembra da época, assim, alguma coisa que aconteceu aqui na região, alguma coisa que marcou mais a senhora que chamou mais atenção?

OT – Aqui! eu acho que não (**silêncio**)... Sabe quando se morava aqui, era poucos moradores e a gente estava sempre em casa, só quando que ficava doente que saía.

MS – Nem ia muito pra rua, pra passear, pra sair?

OT – Não, porque não tinha lugar. Porque as casas eram poucas pra gente ir, como lá

do outro lado já tinha mais vizinhos pertos.

MS – Era melhor lá do outro lado?

OT: Sim, era melhor lá do outro lado, até pra gente ir no mercado era melhor, era quatro (4) quilômetros pra ir fazer compra, mas a gente ia de carroça.

MS – O que mais se comprava no mercado na época?

OT – A farinha era barato naquele tempo, banha, sal...

MS – comprava tudo de bolsa na época?

OT – Sim tudo de bolsa. A gente colhia o feijão, daí quando levávamos pra vender a gente fazia as compras grandes...

MS – E vendia no mercado mesmo, as coisas?

OT – Sim no mercado.

MS – Pegavam em troca de produtos ou pegava dinheiro?

OT – A gente fazias as compras, pegava as vezes um pouco de dinheiro mas, a maioria das vezes nós pegava...

MS – E ia de carroça?

OT – Sim, ia de carroça, lá era quatro (4) quilometro, e ia de carroça.

MS – E na época que vocês vieram morara aqui, não tinha muita ligação com Palmitos, com a cidade lá?

OT – Não era longe...

MS – Era difícil ir pra Palmitos, ia mais pra Iraí?

OT – É, nós iamos mais pra Iraí. Era sacrifício, porque a gente ia a pé. E a gente depois de um tempo em diante a gente fazia rancho, aí desciam trazer na costa do rio, daí a gente passava de caíque e daí depois pegava de carroça. Era muito sacrifício pra gente. Agora faz anos que eu não vou mais em Iraí, depois que começou o comércio aqui em Palmitos...

MS – Mas na época que a senhora veio morar pra cá, já tinha estradas pra Palmitos e pra esses lugares?

OT – Tinha...

LG – E não tem alguma coisa engraçada que a senhora se lembra? (risos)

OT – Nem dá pra contar, senão vamos ficar o dia inteiro conversando (risos)

MS – Por que a senhora fugiu e não casou, seus pais não queriam que a senhora casasse com ele?

OT – Ele era casado... Ele era separado, ele já tinha casado e a mulher dele tinha fugido, daí ele estava solteiro...

MS – E seus pais não queriam que a senhora ficasse com ele?

OT – Eu morava com um tio meu, a minha mãe morava lá na Guarita, aí eu morava aqui em Laranjeira com os meus tios

MS – Mas então tá certo dona Otília, a gente agradece a colaboração da senhora, este trabalho nós vamos estar escrevendo e entregando o mês que vem pra prefeitura...

MS: Então tá dona Otília Muito obrigado pela colaboração.

FITA "02 LADO "A"

MS – Dona Otília, na época que a senhora morava por aqui ou nas redondezas tinha índios que moravam aqui por perto ou não?

OT – Não, índio não tinha. Eles vão lavar, eles achavam as panelas, acharam muitas, mas panelas grandes, que até ossos dentro tinham. Tinha uma que acharam a cabeça, a cabeça eles trouxeram aqui, eu tinha medo daquela cabeça (**risos**)... Tinha dente também dos bugres.

LG – E essas panelas, elas eram pintadas?

OT – Elas eram só de barro, por dentro era bem lustrosa eu não sei com o que eles faziam....

MS – E se achava muito isso?

OT – Aquela época achava bastante.

MS – E o que as pessoas faziam com elas quando achavam?

OT – Guardavam, quando era pequeninha e bonita, guardavam. Tinha uma panela ali, que tinha uma bolsa de feijão...

FOT – Aquela panela, eu acho que levaram pro museu... só que eu não lembro pra onde e quem levou ela, pois era um apanela muito grande

OT – Os bugres, eles, quando morria um bugre, diz que eles botavam.... Eles picavam e colocavam dentro das panelas, eles não usavam enterar, mas colocavam dentro das panelas. Uma vez ele achou uma que tinha a cabeça de um bugre dentro. Tinha a cabeça do bugre e faltava, dois dentes da frente (**risos**).

LG – Vocês lembram onde foi achado, essas panelas?

OT – Agora não dá mais por que tem o potreiro, mas foi achado aqui na terra aqui

MS – E as pessoas todas sabiam o que era aquilo quando achava?

OT – Sim, sabiam que era panelas de bugre...

LG – E vocês nunca acharam ponta de flechas?

OP – Que eu lembro eu acho que não, só aquelas panelas com os objetos que eles usavam

OT – Uns negocinhos brancos, o que era aquilo?

FOT – Muitos diziam que eles usavam feito brinco aquilo.

MS – Isso estava dentro das panelas?

FOT – Sim, aquela moça que levou, levou junto com as panelas.

OT – Tinha esses objetos brancos, tinha uns apito dentro também... Mas eles levaram tudo, mas não devolveram mais.

LG – Quando tempo faz isso?

OT – Faz uns dez anos, que ela levou, ela estudava lá em Florianópolis aquela guria.

MS – E aquele padre que a senhora disse que passou por aí, que época foi mais ou menos, a senhora lembra?

OT – Aquele padre a ultima vez que ele veio e levou as panelas e ficou de trazer as fotos pra nós, mas depois ele morreu e não veio mais.

MS – Faz muito tempo isso?

OT – Faz tempo sim.

MS – Quantos anos mais ou menos que faz?

OT – Faz mais de oito anos que ele andou por aí, e ele levava as panelas e depois ele disse que ia trazer as fotos... Umas ele trouxe, aí ele ia trazer mais depois, porque ele levava as panelas quebrada que depois imendavam tudo... Levavam, e depois eles grudavam as panelas, levavam os pedaços e faziam as panelas lá.

MS – E da onde que ele era, a senhora lembra?

OT – Ele era de Palmitos, mas eu não sei, ele não era dali.

MS – A senhora lembra o nome dele?

OT – Eu não lembro mais o nome dele, ele não era dali, ele era de longe, mas vinha sempre aí. Ele andava em todas as casas, juntando panela. Tinha bacia e panela coisa mais linda, parece que não era feita de bugre, por dentro bem lisinho, mas por fora não.... Levaram, pediam e a gente pegou e deu, tinha umas panelas guardada, mas foi dado.

MS – Hoje não se acha mais?

OT – Não se acha, por ue lá onde tem aquele potreiro lá em baixo, lá que achava pode ser que... Ali antes se achava muita panela, tinha muita panelas de bugre.

MS – E aquelas que chamam de pedras de raio, que são umas pedras lascada, vocês achavam também?

OT – Se achava, eu tinha uma daquelas, depois foi fora...

MS – Mas se achava fácil essas aí, também na roça?

OT – Não, não se achava fácil não, era difícil pra achar.

MS – Mas então tá dona Otília, muito obrigado por mais essa informação.

OT – O padre eles podem lembrar o nome do padre que vinha aqui... Pois eu não lembro o nome daquele padre.

FIM